



1290001183



TCC/UNICAMP M271e

**Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação.**

**Livia Cavalcanti Magdalena**

**ECCE SCRIPTOR: JOVENS ITINERÁRIOS NAS PALAVRAS**

**Campinas  
2003**

**UNICAMP - FE - BIBLIOTECA**

2003.04.25

Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação

Lívia Cavalcanti Magdalena

**Ecce Scriptor: Jovens Itinerários nAs Palavras**

Monografia apresentada à  
Faculdade de Educação da  
Unicamp, para obtenção do  
título de Bacharel em  
Pedagogia, sob a orientação do  
Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes  
Junior.

**Campinas**  
**2003**



1290001183



TCC/UNICAMP M271e

**Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação.**

**Livia Cavalcanti Magdalena**

**ECCE SCRIPTOR: JOVENS ITINERÁRIOS NAS PALAVRAS**

**Campinas  
2003**

**UNICAMP - FE - BIBLIOTECA**

2003.04.25

Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação

Lívia Cavalcanti Magdalena

**Ecce Scriptor: Jovens Itinerários nAs Palavras**

Monografia apresentada à  
Faculdade de Educação da  
Unicamp, para obtenção do  
título de Bacharel em  
Pedagogia, sob a orientação do  
Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes  
Junior.

**Campinas**  
**2003**

© by Livia Cavalcanti Magdalena, 2003.

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	
.....	TCC/Unicamp
.....	m271e
V:.....EX:.....	
TOMBO:.....	1183
PROC:.....	117/04
C:.....D:.....	X
PREÇO:.....	11,00
DATA:.....	17/02/04
Nº CPD:.....	Pub. n.º 21.0268

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Rosemary Passos - CRB-8ª/5751

M271e	Magdalena, Livia Cavalcanti. Ecce scriptor : jovens itinerários nas palavras / Livia Cavalcanti Magdalena. – Campinas, SP: [s.n.], 2003.  Orientador : Joaquim Brasil Fontes Júnior. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.  1. Escritores. 2. Escrita. 3. Poesia. I. Fontes Júnior, Joaquim Brasil, II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	03-199-BFE

*Circular Interno Reflexo*

nenhum nome substitui  
nem as dedicatórias dão conta  
dos olhares espelhados.

- esperados? -

nas noites frias e escuras de Barão Geraldo,  
minha face refletida em vidros, presa no ônibus  
por dentro inteiro iluminado,  
exatamente (metaforicamente)  
como se vê a academia:  
pensa ser conter toda luz

ofuscada com o próprio brilho que volta do reflexo  
de não sair dos campos invisíveis  
do silêncio. Chega às vezes à dor do show,  
do estar em vitrine,  
como tanto doeu me ver  
envitrinada,

*in vitro*

e com tantos ali compartilhando  
deslocamentos  
do estudo à Moradia

tanto que dentro talvez nem de fora se perceba.

Há muitos que contribuíram para meu TCC.  
e nem sequer desconfiam.

as imagens nem sempre  
entregam os nomes.

Neivaldo

mãe  
pai

vô  
Leão

Lukinhas

Grá

vó  
Lila

Drê

DEDICATÓRIA

Clio Malú

Joaquim

Ivany

de dicas  
indicadas,  
memória.

Regina

Dê dicas  
- indico -  
e se faz a história...

MORADIA  
8-10a

Antonio

Carlinhos

Smurf  
(Fernando)

Ana Lucia

familia

Pitchinhas

Mi

Ricardo  
Carlão

turma 2000 A

Jeff

Luizão

Este TCC tem muito *Mais de mim*<sup>1</sup> do que qualquer outro que eu pudesse ter escolhido ou imaginado. Introduzir o tema escolhido para *Tececear* obrigatoriamente passa pelos textos elaborados na trajetória, que demonstram os *Sinto mas do Desespero* da constituição em pesquisadora e *Narradora* quando sentia querer simplicidade em *Ser poeta*.

Sucessivos *Abusos teimosos* sustentaram o enfrentamento da *Dor* de parecer o *Inferno* lutar por um *Problema*.

*Sem rumo* parecia o *Rio* até que *Atrevida* ao *Desconecto* de perceber *O escritor pela escrita* houve *Encontro* com As Palavras.

## DESAFIO

desses fios  
de letras  
sou agulhas

desses frios  
poemas,  
agruras...

dez afio  
palavras,  
apuradas

dez a fio  
sentidos  
aturas

---

<sup>1</sup> cada expressão em itálico deste trecho diz respeito ao título de um texto criado no decorrer da trajetória de elaboração do projeto de pesquisa.

No retrato que me faço  
- traço a traço -  
às vezes me pinto nuvem,  
às vezes me pinto árvore...  
às vezes me pinto coisas  
de que nem há mais  
lembrança...  
ou coisas que não existem  
mas que um dia existirão...  
e, desta lida, em que busco  
- pouco a pouco -  
minha eterna semelhança,  
no final, que restará?  
Um desenho de criança...  
Terminado por um louco!

O Auto-Retrato  
Mário Quintana

## Resumo

Partindo da leitura de obras nas quais os autores escreveram sobre sua relação com a escrita em determinados momentos de suas vidas, pretendo tecer o entrelaçamento das declarações encontradas a fim de sensibilizar o leitor no destaque de temas referentes àquela relação.

O presente registro constituiu-se no trabalho de descobertas e (des)encontros entremeados pela cena: o escritor se pergunta: "Por que escrevo?".

De respostas as mais variadas, vozes emergem alimentando um primeiro ato:

*Cartas a um jovem poeta, Rainer Maria Rilke;*

*Ecce Homo, Nietzsche;*

*Itinerário de Pasárgada, Manuel Bandeira*

*As palavras, Sartre.*

Tais textos em que os escritores rememoram sua escrita relacionando-a à própria trajetória de vida permitiram compor as questões a serem discutidas e, deslizando na atenção aos diferentes momentos e condições nos quais cada qual foi elaborado, contracenam com os temas ressaltados segundo invocações de compreensão no questionamento da(s) identidade(s) do escritor, uma vez que – Às Palavras, o papel de protagonista.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	11
tececear.....	13
por entre cenários armados.....	15
<b>Temporal</b> .....	17
durante a tempestade.....	20
entre rimas e aromas.....	23
<b>Rendição...Rendimento!</b> .....	25
desafio ao criador.....	26
escrevendo o ato de escrever.....	32
<b>Do grito contido num bilhete</b> .....	37
tem vazio que anda cheio.....	38
sou poeta.....	41
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	43

## NOTAÇÕES

“Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, o acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível.” (Foucault, 2000, p.5)

No enfrentamento entre desejos e os sinais convencionados, a companhia das vozes na escrita do TCC pediu revelação numa lógica interna de citações, de maneira que é nosso dever avisar que algumas marcações dos diferentes timbres, a indicar as localizações em respectivas gargantas, utilizadas no texto, quando não em altura ajuste padrão, obedecem aos seguintes significados:

Exemplo: (Sa, 212)

| número indicativo da página em que se encontra a citação  
| abreviatura indicativa do nome do autor

Em que:

Sa = Sartre, J. P. , no livro *As Palavras*;

MB = Manuel Bandeira, no livro *Itinerário de Pasárgada*.

## INTRODUÇÃO:

Às palavras permito novas construções pelas minhas mãos quando tenho familiaridade com elas e há sentido no ato de escrever. Seja para explodir o que não cabe mais por dentro, seja para registrar em desconfiança da memória... dialogar em regras de linguagem... que se movimentam em leitura e escrita.

Experimentados os movimentos de 'linguajar' desde que em escrita vai minha existência, a necessidade de escrever em outras regras inquietou-me perante escolhas: qualquer tema que escolhesse a compor um tcc alcançava apenas nota de rodapé frente ao elemento escrita em que deveria se compor. Das tentativas de temáticas explicadas no papel resultam poemas denunciadores da insatisfação de escrever por obrigação. Na lógica de escrever, cabiam rimas, significantes: necessidades. À obrigação regrada... sem cabimento.

Com aprendizado de olhar buscando diferencial no real, a desconstrução do discurso obrigatório em pauta: espaços necessários são aceitos. Deslocando o olhar da busca de temas para minha trajetória em resistências, encontro: eis que minha escrita esteve feito pedra no meio do caminho... num tamanho de incomodar... em como se dar na academia.

A proximidade com o tema da escrita caminhando na razão diretamente proporcional em que me aproximo de leituras me tornando 'aprendiz' de escritor, escrevendo... se dá em paralelo de ser 'aprendiz' de pesquisadora, pesquisando.

Assim, perante a necessidade de ser pesquisadora que escrevesse sobre algo, produção foi de escrever sobre a dificuldade de pesquisar quando os rigores atravessam sua identificação com o tema, e sobre quanto eu não conseguia escrever nada que não fosse perto de explicar por que eu não conseguia escrever algo que não viesse de dentro... Assim como a escrita ao escritor, ao pesquisador não é pertinente uma pesquisa sem identificação.

Escrever envolve identidade: encontro obra-trajetórias, em que escritores se voltam ao itinerário, na relação da escrita com a história de vida. Além da própria identificação, está envolvida no processo a do leitor, com a pergunta que não calava: para quem escrevo? (encontrar leitor que aceite poesia em fusão com academia é desafio muito mais que rima)

Escrevo para todo aquele que, enquanto leitor, abasteça seus motores na produção seja qual for a que se destina no período vigente. E que, em caso de falhas produto, transforme-nas em diálogo para novos estudos.

Gostaria que, assim como os motivos desta escrita são diversos, seja-o também a oferta: está posto em trabalho mais do que um tipo de combustível. Possíveis explosões, modo de acionar, funcionamento, variam e ocorrem na velocidade e alcances do quão se apossa sensório-motor.

Estas tem sido respostas provisórias para a questão que ainda perturba. Nas tentativas de deslocar o foco de respostas (e também o das questões - por que, como, para quem escrevo) o fato é que continuo a escrever, e assim escrever tem sido mais do que os porquês, meios e finalidades: parte de constituir concepções de ser humano.

Acontece que estou construindo na tentativa de elaborar meu pensamento sobre a escrita e permitindo que o leitor também faça suas elaborações em interpretação, como tenho feito as minhas no decorrer do trabalho.

Nesta metamorfose constante que constitui a trajetória, a busca de olhares de pesquisadora (para além de estar 'poeta') na tarefa de tececear.

## TECECEAR

Tecer, cear

Devora-me se não o teço e tecendo estou a devorá-lo

Não quero engolir-te como obrigação, nem quero tecer-te como tecelão

Não estou faminta nem profissional,

Como posso tecer sem me alimentar como posso me alimentar se não tecer

Vais nascer de mim que preciso trabalhar, sem saber se esse trabalhar é tecer (talvez seja desfiar...)

Vou alimentá-lo enquanto fome passo ou se me alimento nego-te a ceia.

Que teia é essa onde me encontro, nela eu teço, eu a teço também, nela estão meus alimentos, quer presos, quer perdidos, amarrados, ou quase a cair pendurados. Preciso me movimentar mas qualquer passo tudo muda: ora caio, ora enrolada grudo e onde fico... já nem sou aranha, quem dirá mosca. Mas vôo, longe... e teço de os obstáculos às asas... que vento é esse que eu bloqueio e em que me apoio?

Bem sei que a escolha é imprescindível.

Enquanto escrevo escolho protestar. Não teço em si nem ceio de ti ou com ti menos ainda para ti... nestes descaminhos por que passo antes de tececear-te imagino imagino, imagino... tanto que voei, tanto que tecei, tanto que disso quis me alimentar e isso não sendo necessariamente tececear, acabou por cumprir o papel que seria de objetivo do formar: pensar, elaborar, manifestar... eu o fiz pelo que sei, tecendo com minha seda incômodo às moscas que vejo voarem, gansos em formato vôo, com suas razões e métodos, sobrevivem... e ainda duvido se o tecer será cear, penso não me saciar... assim, nesta sede quero gotejar nesses muitos teares meu alimentar que não é de tecer por molde, nem irá bastar por ceia. Tenho fome, e de minha seda me alimento, nela mesma me perco, neste texto até tececeado, e que mostra quanto o tecer negado foi teclado com tudo o quanto tem de preocupado, tecei.

Porque antes de tecer e cear eu precisava manifestar que estive me sentindo isso o que fiz: simular, sem ar, sem lar... estive assim, passando por isso e consigo ver que tececear também tem a oferecer: tê seu, SEU ar!!!

Meu... ("o seu olhar melhora o meu"...)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Antunes, A., Tatit, P. "O seu olhar", *In Ceumar, Sempre Viva*.

Só tranquila agora por incluir este texto como parte do novelo... esta seda mostra um pouco do que sou, meu rosto, assim, mudando a cada *expressão*, parte esta integrante ("necessária exclusiva diferencial") do meu trabalho de conclusão de curso: o final.

Em diversas versões...

Quem diria, encontrei diversões!

Nestes tão meus que crio: versões...

Vem versar comigo... ver esse ar que falta... que faz viver...

fome.  
foi? matou?  
'for' mato?  
forma tô  
formo ato

Eu quero que o **FORMATO** do meu TCC seja diferente.  
Quanta força, quanta impotência neste verbo "querer".

"Existe em muita gente, penso eu, um desejo semelhante de não ter de começar, um desejo de se encontrar, logo de entrada, do outro lado do discurso, sem ter de considerar do exterior o que ele poderia ter de singular, de terrível, talvez de maléfico. A essa aspiração tão comum, a instituição responde de modo irônico; pois que torna os começos solenes, cerca-os de um círculo de atenção e de silêncio, e lhes impõe formas ritualizadas, como para sinalizá-los à distância. (Foucault, p.6)

## definições

quis colocá-las  
em aberturas...  
ironia de princípio  
ou  
cair em armadilha  
de escrita iniciante  
(linhas puras...)  
De fim idas  
certezas,  
Visto que longe  
os desfechos,  
melhor chamá-las  
armações.

Quando o papel ainda em branco, olhar em volta denuncia a necessidade de realizar vistorias: É preciso decidir, escolher por modos e valores: *há armas em nosso cenário?*

Muitas vezes respostas trazem a opção que casa com pré-munição. E, entre guerras, o escritor escalado

versos meus palavras pólvora duns poemas trabucos  
hão de perdurar para muito incomodar temperaturas

questiona continência nas relações com os outros (alteridade), enquanto resgata consigo (autonomia) a lembrança de que tem atirado sem possuir documento ao ‘porte de armas’.

E tiros por todos os lados fizeram-no perceber que munições de outrem também perduram: neste momento de preencher o papel, vários discursos entrelaçados coexistem e...

aqui estamos: *por entre cenários armados.*

Nietzsche propõe empreitada por entre altos ventos gelados, ciente de que ar em raro efeito. Respirações arriscadas, entre leigos, olhemos ao alto, sob a proteção dos pulmões ao congelamento.

Advirto, porém, que este olhar extrapole vigas de janelas, donde Manuel Bandeira nos traz à rua, no Morro do Curvelo. Entre casas e memórias, jovens poetas movimentam correios – tantas paisagens encartadas nas viagens de Rilke. – É preciso frente às cartas contratar contra-regras para que o cenário seja mais que tinta em papel.

E, uma vez viajantes clandestinos, compactuando com Sartre, sabemos que para além dos morros e postais, contamos com “o trem, o condutor e o delinqüente - era eu. E eu também era um quarto personagem ; este, o organizador, alimentava um único desejo:

embair-se, ainda que fosse por um só minuto, esquecer que fora ele quem armara tudo.”  
(Sa,81-82)

E por entre seus desejos, caberia pensar em

MISSÃO ?

nem que houvesse ritual  
maior que missa  
\_horas...  
mesmo em Carnaval  
serpentinhas máscaras  
\_disfarces:  
impossíveis das palavras  
que em poemas  
quaisquer alegorias  
fogem.  
Tarefa de esconder:  
perdida! às sentidas  
revelações  
se escritas  
escondidas pistas  
ao detetive  
desvendadas no enredo  
figuras de linguagem.

Nas medidas a encenar cabe-lhe informar que armado está o temporal. Sem parada nas quatro estações.

Porque no temporal está embaralhada a alteridade – entre nuvens de embaçar...- é somente a autonomia o guarda-chuva pra versar!

“Mas, desgraçadamente, o tempo, que faz florescerem e murcharem animais e vegetais com espantosa pontualidade, não tem sobre a mente humana um efeito tão simples. A mente humana, por seu lado, atua com igual estranheza sobre o corpo do tempo. Uma hora, instalada no estranho elemento do espírito humano, pode ser distendida 50 ou 100 vezes mais do que a sua medida no relógio; inversamente, uma hora pode ser representada no tempo mental por um segundo.”<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Woolf, Virginia *Orlando*, p.55

Tempo

Pairam nuvens que carregam gotas de discursos. Diversos momentos contidos em neblina

A\_prender

aos poucos descubro  
quanto dura  
seu tempo  
\_que dureza.  
daqui a pouco  
sem cobertas  
ex-fria  
expectativa:  
mesmo nos eixos  
das tuas medidas  
liberdade esquenta  
sentimento  
que não se prenda.

compondo a sincronia de chover.

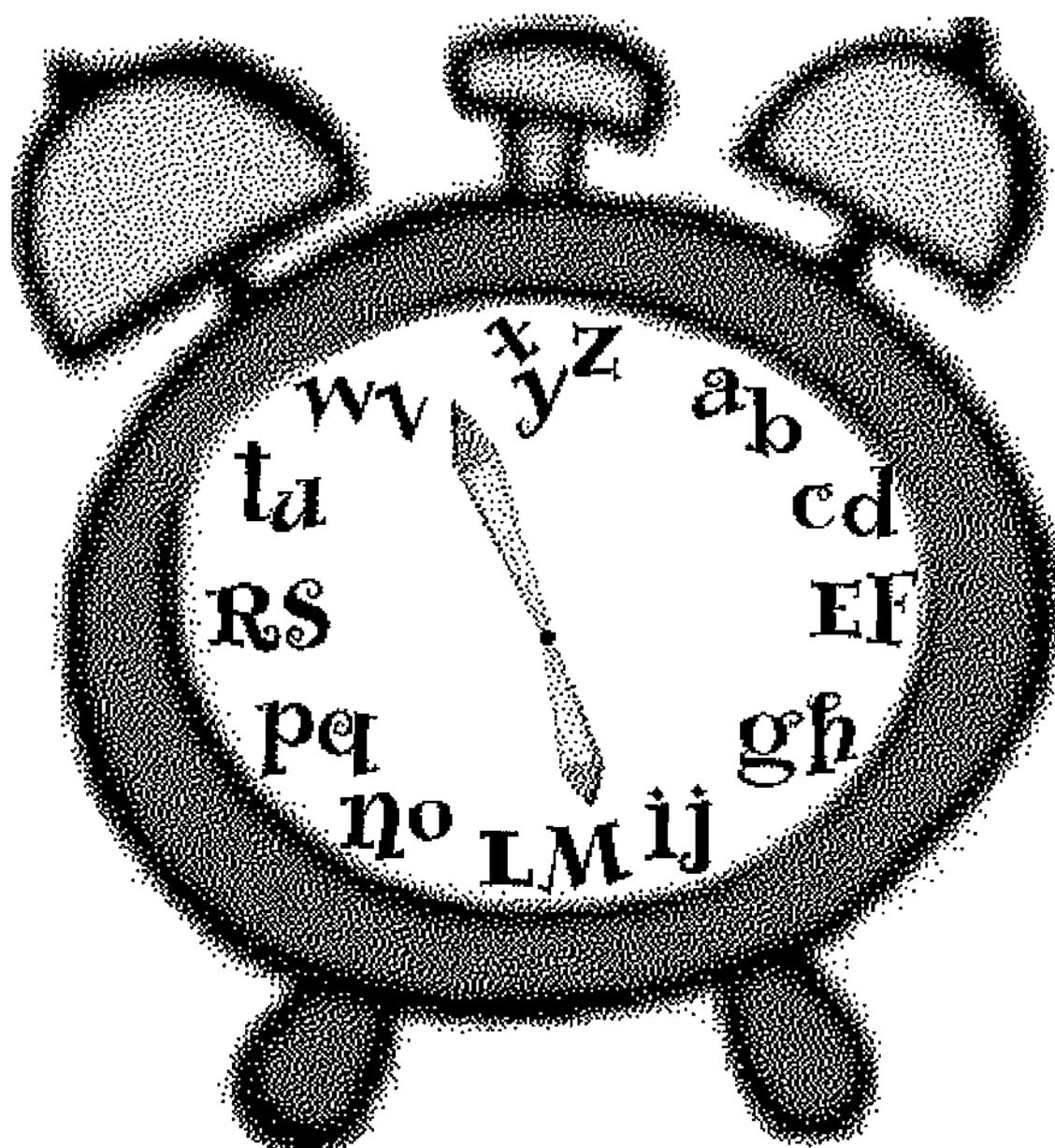
E o guarda-chuva de Manuel Bandeira “homem nenhum pode ser inatural, por mais força que faça” (MB,117) tenta escapar do granizo de Sartre “carrego falecidos que ignoro” (Sa,179), bandeirando que “o movimento rítmico de um verso pode sofrer a influência do verso anterior ou do seguinte” (Sa,47).

Vistoriado o cenário, resta ao escritor iniciar registros nos ritmos de sua

contemporainice

com tempo era início.  
contenho tempo, ora, em si  
contas por aí...  
Contento pó, raízes  
por aí em ser com ti.  
Conceito risse:  
em si tempo com hora  
tem?

entre tempos e palavras...



4

---

<sup>4</sup> agradeço à amiga Andressa de Andrade pela elaboração gráfica do desenho.

## DURANTE A TEMPESTADE...

Quisera a sensatez de Ulisses para, dentre as que ressurgem, permitir ressoar apenas a voz eleita. Assim, em tempo, voltaria à casa... e juventude proveitosa a deleitar.

No entanto, inexperiência em rituais, estar jovem agora remete à espreita de batalhas por travar. Semelhança maior à quimera de num presente estar contido, parecendo escrever a galope, mas... cavalo aberto: surpresas aos leitores troianos: vozes soldadas!

As composições químicas reveladas em cartas, citações, poemas... elementos fundidos em aparentes confusões, permitem ler vontades de verdade no (dis)curso dos entrelaçamentos: em guerra, porém todos em resgate de Helena.

Histórias de vida que se tocam por intermédio de ligações induzidas: matais no caldeirão fervilhante metais das grades que separam con(m)textos e terás as palavras em mistura: *Ecce Scriptum*.

Era sabido que

troiana  
Ana  
que seria  
anã,  
não lhe faltasse  
o acento tio  
de provocar cobras  
com a cabeça.  
melhor assentos  
- familiares -  
às anotações:  
vãs.  
E à cabeça,  
outros adereços!

mas, com o alerta de que “quem julgasse do homem pelo poeta enganar-se-ia redondamente” (MB,68) deixamos tal nome de lado e vamos aos fatos, (desanuviadores?):

*Troiana* (pois quis raptar Helena)<sup>5</sup>,  
*agregada* (pois que entusiasmada em inspirações),  
*no exílio de um burgo* (pois que sem lugar no capital de tão maldita, entre Flores do Mal),  
*artista* (pois que descompromissada),  
*vãs guarda anotações* (pois que se existe, hermética)<sup>6</sup>  
*e mo-nas-dá* (posta uma questão jurídica).

(poucas linhas para tanto tempo)

Remetente, se recente, autora (pois que dona se sente). Dá função destinatário a este que as publica e focou, num ritmo de tececear, o agenciamento de vozes<sup>7</sup> assíncronas, concebendo que, para orquestrar, maestro silencia em consciência que

Calar pode estar bem próximo  
às palavras todas:  
calo resulta  
da tagarelice.  
Em silêncio as amarras  
escritas, no papel  
das cordas vocais.  
Marcas nas mãos  
manifestam dores  
que, roucas,  
gritadas em letras.  
Mudo.  
o poeta  
escolhe ca(le)jado  
sem prudência  
em calar.

---

<sup>5</sup> Segundo um mito paralelo ao homérico, Helena jamais teria posto os pés em Tróia de sólidos alicerces: levada pela divina Hera ao Egito, ali teria permanecido durante os dez anos da guerra, tecendo guirlandas de flores e espinhos. Em lugar de Helena esteve, durante os dez anos da guerra, uma sombra, um fantasma, um simulacro: Helena de brancos braços e cabelos de ouro. Quando ela passava pelas muralhas, os velhos sussurravam como cigarras: a mais bela mulher do mundo! Durante dez anos, em torno de Tróia, os homens combateram e se mataram por uma túnica vazia, um simulacro, um fantasma que se desfez quando a guerra terminou. E então Helena coroou Menelau com flores e espinhos e viveram felizes para sempre em sua cidadela cercada de sólidos muros. Ali Telêmaco os encontrou, quando partiu em busca do pai, o astucioso Ulisses.

<sup>6</sup> DESCONECTO  
Resta ao leitor  
criar um personagem  
antes E quando começa?  
a ler, dá o movimento  
a este, entende o  
que está escrito e faz  
conexões com liberdade.

<sup>7</sup> Foucault, 2000.

e compartilha as mesmas

## REFERÊNCIAS

Com as palavras posso  
levar o leitor  
a lugares, lembranças:  
enquanto desvenda  
letras, evoca-os.  
Cada palavra passa,  
param o autor  
tentativas, escolhas:  
qualquer um se renda  
controle: perde-os.  
Poça de sentimentos,  
poço de pensamentos.

Nas dúvidas das escolhas a reger,

QUALIDADE	qual idade?
SABEDORIA	saber: dor ia
ARRISCAR	a riscar
EMBORA	em boa hora
INOVAÇÃO	hino à ação?
SILÊNCIO	esse ler em si só.

percebemo-nos Narradores

**NARRADOR**  
... está cristalizado  
no termo narrador.  
a alegria não cabe mesmo  
nos poemas.  
ah! que escrita a minha!  
poemas não têm narradores...  
são dores os contos.  
e eu conto minha dor  
com rima, linguagem  
brinquedo (meu medo às vezes  
se pendura, outras se enrosca  
nas má/deixas, como brinco).

frente à missão de vã guarda das anotações que nos remetem a narrar:  
enredar, enredando-se

## ENTRE RIMAS E AROMAS

Tenho estudado as palavras.  
Lendo e escrevendo  
tenho viajado.  
Meu corpo por aqui  
nada.  
Em que piscinas  
mergulha?  
- mares...  
entretanto fogem  
letras e sílabas  
que representem  
suspiros.  
Palavras não cheiram  
como nos abraços.  
- males.  
Promessas ditas,  
esperança dói  
a perder o toque  
(seu, do telefone).  
Melhor se fosse  
o querer  
efeito como  
perfume.

Enauseado pelo pó das anotações, que tantos aromas trouxeram entre rimas, sentindo que dela as “palavras largavam a sua cor sobre as coisas, transformando ações em ritos e os acontecimentos em cerimônias” (Sa,35) as anotações são, agora, tomadas por instrumentos deste maestro, e vêm embrulhados por bilhete:

A gente só devia comVERSAR assim:

**Metáfora**  
isenção assumida  
deixar “ me” de fora  
em ação: a sumida  
fugas  
versos colhe, traz  
fugaz  
ver sons com letras

Insatisfeito, eu me rendo, na tentativa de entender cartas cifras e fazer-nos lucrar em musicalidade.

Transito por entre palavras-neblina desta há pouco desconhecida, à procura de algum discurso a ensolarar, quem sabe um dia, logo. Quando uma pedrinha de granizo fura meu incerto guarda-chuva:

“Ao cabo de um instante, compreendi: era tal livro que falava. Dele saíam frases que me causavam medo: eram verdadeiras centopéias, formigavam de sílabas e letras, estiravam seus ditongos, faziam vibrar as consoantes duplas: cantantes, nasais, entrecortadas de pausas e suspiros, ricas em palavras desconhecidas, encantavam-se por si próprias e com seus meandros, sem se preocupar comigo: às vezes desapareciam antes que eu pudesse compreendê-las, outras vezes eu compreendia de antemão e elas continuavam a rolar nobremente para o seu fim sem me conceder a graça de uma vírgula. Seguramente, o discurso não me era destinado.” (Sa,35)

E eu soube que Sartre, assim como ela, “Tive a desgraça de me perguntar sobre meu papel e meu destino.” (Sa,127) e, assim como eu, estava longe de sentir-se destinatário daqueles escritos.

A partir de então Sartre é quem apresento àquela remetente.

Que mais podia fazer senão orquestrá-los a conversar, uma vez que *“Nada é irremediável, e, no fundo, nada se mexe, as vãs agitações da superfície não devem ocultar-nos a calma mortuária que é nosso quinhão.”* (Sa,39) segundo exigências institucionais que nos permitem credenciar narradores.

## RENDIÇÃO... RENDIMENTO !

*acabo de ler e ler e ler  
admirando os poemas que acabei de escrever com e para você.  
sei que são reveladores de ousadia que só tenho dentro e nem idéia de imaginá-la a sair.  
mas estou segurando-a em papel, sou nestas linhas ainda sem confessar-te.  
remetê-las será revelar o crime do qual já cumprio penitência quando me angustia o medo  
de interpretações.  
as lágrimas que escorrem agora pelo pescoço são a força do ter escondido, nas regras que  
me impõem, o que revelado.  
não consegui te interpretar e desconheço o porquê.  
às vezes pareço não querer fazê-lo... noutras, é um não saber.*

Interrogo: Acaso não seria o incômodo questionar a hierarquia de valor? Ter uma consistente história é muito diferente de estar construindo-a em tropeços, à sua procura; mas, ao que me consta, ambas são "História"- esta famosa agenciadora dos tempos.

Estará sempre o valor voltado ao que já se fez? Como fica então o que se faz agora? As rupturas negaram os valores históricos, não? Foram em si a história e se escreveram enquanto estavam começando a ser...

Não quero posso nem estou negando o peso da bagagem. Muito do texto penso estar em sua força. Conteúdo é ingrediente dos principais. Nem quero brincar de montar palavras Só. preciso de outros, mais do que brinquedos. porém o brincar é o fazer junto, crescendo e se este é o conteúdo do depois, por que não sê-lo agora?

Assim, ela, para além de culpada, revelava-se

*ATREVIDA*

*até erre, vida...  
até ter a vida.  
  
imatura abusada.  
abusando???  
  
o abuso de principiar  
abra-me o uso  
de ser princesa  
ter um lugar  
sangrar num fuso  
e adormecer?  
dentro do palácio  
estar com reis  
dialogar  
só princesa, sei...  
mas atrevo  
a realeza  
sem medo.  
É cedo?  
Não cedo.*

frente à chuva de pecado que deságua da nuvem da “imortalidade terrestre, que se oferece (pelo legado do escritor) como substituta da vida eterna” (Sa,179):

*Desafio ao criador*

O homem querendo ser Deus  
consolo em cartas com ídolos  
A quem se busca?  
- maçã palavra de Eva.  
Salvação  
mandamentos de métrica  
vãos altos  
- sentar-se à direita do Pai.  
("lá sou amigo do rei")  
em dívida, não sê-lo:  
ritualizar sacrifício  
da criação escrita  
(desafio ao criador)  
indivíduo selado  
ao abandono de si mesmo

Eu escritor, considerando possível reMissão, convoco um primeiro concílio, em que Sartre toma investidura a favor dela:

“Eu mantinha conciliábulo com o Espírito Santo: “Hás de escrever”, dizia-me. Eu torcia as mãos: “Que tenho eu, Senhor, para que me escolhésses?” “Nada de particular.” “Então, por que eu?” “Não há razão.” “Tenho pelo menos algumas facilidades de pena?”

“Nenhuma. Crês que as grandes obras nascem das penas fáceis?” “Senhor, uma vez que sou tão nulo, como poderia produzir um livro?” “Aplicando-te.” “Então, todo mundo pode escrever?” “Todo mundo pode, mas foi a ti que escolhi.” (Sa,135)

Pronto. Confessamos a estratégia.

“Esse truque era bastante cômodo: permitia-me proclamar minha insignificância e simultaneamente venerar em mim o autor de futuras obras-primas. Eu era eleito, marcado, mas sem talento: tudo viria da minha longa paciência e de minhas desventuras; eu me negava toda e qualquer singularidade” (Sa,135)

– Ecce scriptor.

O que vocês têm contra ele?

– Esse homem passa o melhor do seu tempo em convívio com o pássaro que (con)verte o mundo em palavras palavras palavras.

Testemunha??

– Manuel Bandeira chama labaredas:

“Eu faço versos como quem chora  
De desalento... de desencanto...  
Fecha o meu livro, se por agora  
Não tens motivo nenhum de pranto.

Meu verso é sangue. Volúpia ardente...  
Tristeza esparsa... remorso vão...  
Dói-me nas veias. Amargo e quente,  
Cai, gota a gota, do coração.

E nestes versos de angústia rouca  
Assim dos lábios a vida corre,  
Deixando um acre sabor na boca.

Eu faço versos como quem morre.”<sup>8</sup>

ardente sob o temporal...

– Fogueira!

Singelo  
perto do fogo  
coração em brasa  
sim. eu gelo  
pra esfriar  
o medo de sofrer.  
Palavras  
diálogos canção  
calor  
olhares sintonia  
em arte  
de escrever.

<sup>8</sup> BANDEIRA, M. “Desencanto”. In *Vou-me embora pra Pasárgada e outros poemas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. 5ed.

umedecida em juízo de Fernando Pessoa:

“O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.”<sup>9</sup>

questionando do júri a

Vontade:

Sublime  
desejo em suspensão  
que fica.  
Suprime  
tristeza solidão  
que vai.  
Se visse  
faísca de olhos  
carícia,  
Subisse  
ao céu brasa de sonhos  
queimai...

E ela revela penitência:

INFERNO  
A leitura/escrita  
Passam sempre  
Pelo infernal,  
Mesmo que não se queira  
Crer em céu.  
Seja qual de quem  
o inferno é  
escrever é estar nele  
empapelar a chama  
fazê-la queimar os olhos  
com prazer.  
que diabos são  
palavras?

a partir de agora, cumprirá a pena, a penas...

<sup>9</sup> PESSOA, F. “Autopsicografia”. In *Poesias*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

Cada lugar em seu instante:

Virou tinta  
meu momento.  
Está gravado,  
em “imortalidade”  
tradicional.  
E a ser decifrado:  
“modernidade”  
intencional.

e pode pairar agora o alívio do

*DESESPERO*

*Não espero mais  
Aconteceu  
Vivi, ouvi, senti  
Tanto tanto que encheu  
E vazio, ainda não deixei  
Que fosse  
Tua fala ainda é  
Mola propulsora do  
Meu coração, seguro  
Sei que não por muito,  
Logo será ontem  
E eu nunca  
Mais a mesma.*

pois encontra, enfim, interlocutor:

“Por que, pois, haveria o passado de me enriquecer? Ele não me fizera; era eu, ao contrário, ressuscitando de minhas cinzas, que arrancava do nada minha memória através de uma criação sempre recomeçada.” (Sa,170-171)

Isto depois de afirmar que

“...o sistema me horrorizou, passei a detestar os delíquios felizes, o abandono, este corpo em demasia acariciado, em demasia festejado; acabei opondo-me a mim mesmo, caí no orgulho e no sadismo; em outros termos, na generosidade. Esta, como a avareza ou o racismo, não é senão um bálsamo secretado para curar nossas chagas íntimas e que acaba nos envenenando: a fim de escapar ao desamparo da criatura, eu me preparava a mais irremediável solidão burguesa: a do criador.” (Sa,82)

É dever do Narrador destacar de Sartre a solidão. Informá-lo que depois de escritor, tornou-se acompanhante.

E, neste temporal, Rilke quer trazer o dia logo a fim de não molhar suas cartas, nas quais revela sentimentos só de nós escritores. Quem nunca escreveu à flor da pele, que não se arrisque nos jardins desse rio. Quem já, sintia-se traído: os “quês” subjetivos nossos ele jogou na correnteza:

## RIO

Esclarecendo o negado  
deixando evidente o não-ser  
passa perto uma imagem  
do poeta.  
rio que vai  
tem margens, fundo  
pedras, peixes, água  
paisagem.  
lugar que compõe  
sendo composto.  
hierarquia?  
a qual posto,  
mar, ia?  
Precisão questiona  
do escrever.  
| se pré-siso não |  
| escreva? |  
em pré-cisão  
tornar dúvida  
necessidade.

Escritores não estão sozinhos ao sentirem-se sós...

Manuel Bandeira brincando com rimas, algumas prisões de métricas ou mesmo em Movimento, sabia-se ímpar. Nietzsche julgou que raríssimas (se é que sobreviveriam) seriam companhias que o pudessem alcançar em suas alturas... e, mesmo entre jovens poetas, escrevendo Rilke está consigo a penas.

A densidade temporal na solidão se faz tanta, que poderia rimá-lo a tempestade. Um depoimento que ela deixou pode atuar como raio (ou trovão?) neste chover solidão:

O lugar onde ando não mostrou limites. Ainda não sei onde estou e tal certeza nem busco. Sabia que era fechado: só entra o que eu quiser. Quando me dei conta: você estava dentro e isso não pedia perguntas. Parte da vida pulsando.

E agora, deixou um espaço... que me incomoda todos os dias: sei que existe mais do que onde estou. Sei que não estás comigo onde antes. E ao sair ainda ficou. Ligação possível a me chamar. Quero sair daqui? Que sei eu? Não controlo o aqui. Nem o eu. E seu deslocamento abriu à minha loucura o canal de reencontrar o mundo cotidiano. Ainda distante disso, não sinto as reações esperadas. A mágoa não existe. Nem a raiva. E os fatos transfigurados em piadas entram para trazer-me o riso. Se não o forem, deixam de existir. Assim, "comédia" são as escolhas do teor de olhar. E escrita tem sido tramar histórias de existir.

A presença de estrondoso clarão torna possível embarcar que:

Essa solidão  
riu que  
me incomoda.  
Senti-la  
fazia chorar  
e escrever  
idéias:  
mais papel,  
maior mundo.  
poemas  
cercando  
em paredes.  
quem lê  
atravessa,  
não prende.  
está perto,  
tão tarde  
se leu  
não está  
no criar  
solitário  
que, com outros,  
ainda  
é só meu.

e mergulhar em questões quando se afirma que ser poeta tem seus lugares na relação com o além de individual. Para escolher estar sozinho, é preciso experimentar o outro em si.

Ou pode não ser escolhida a solidão...no caso da impotência na relação com os outros. Assim, escrever pode também ser a busca de sair da solidão: tendo nem que seja o papel por companhia.

Quando Rilke propõe que o ato de escrever é manifestação de necessidade vital de um poeta, tem companhia de tantos escritores... São sentimentos compartilhados, que movem sem ter que tocar nas equações de concepções. Estas registros da história da escrita na humanidade, acendem chamas voltadas ao coletivo, às funções sociais, interações (se o homem fosse solitário, teria inventado a escrita? ou seria melhor recortado o objeto assim: a escrita cumpre seu papel na solidão?). Está calor demais neste parágrafo. Voltemos às águas frias do nosso cenário, cujas temperaturas variam em relação às vãs anotações:

**escrevendo o ato de escrever,**  
no ato  
retrato.  
Como trata  
sua imagem?  
Reto ato,  
re trata,  
trator?

E furos de mais uma pedrinha de granizo:

“criança pública, adotei em público o mito de minha classe e de minha geração: é aproveitar o adquirido, capitalizar a experiência, o presente se enriquece com todo o passado. Na solidão, eu estava longe de satisfazer-me com isso.” (Sa,170)

a minha poesia é  
pra tornar bonita  
minha amargura  
(da solidão, do  
lugar no mundo).

Embelezar tenta a render-se ao medo de interpretações?

Carrega a solidão na escrita o aspecto nublado da

### CONTRA ADIÇÃO

contradição  
em que vivo  
mundo:  
de subtrair (perder?)  
dividir (trocar?)  
multiplicar (reproduzir?)  
Não adicionar:  
tudo dado  
tradição em operações,  
existência de jogar  
com o todo infinito  
número total  
inteiro jamais.

porque a função do texto passa pela leitura do outro – eis concreto obstáculo.

E ao comentário quente do leitor

Você se guarda,  
consigo olhar...  
conta pouco.  
Vem, siga, arda...  
como sigo a olhar  
com tão pouco?

um sopro resfriado:

“pronuncio verdadeiros oráculos e cada qual os entende como bem quer.” (Sa,24)

Com que ela concorda:

<p>Pode ler à vontade sem garantias dela mesma É necessário para uma corrida o correr: caminho, saídas, chegadas, nesses a vontade está. No correr... a prenda é praticar. Saber fazer. Dominar? Não poderei se publicar... O público o faz, não o publicado. Este é de intenções, já vontade é de cada agrado.</p>
---

impossíveis maiores gentilezas frente à nossa

#### POSTURA

Decisão.  
parar de escrever  
poemas  
para não prender  
a vida  
nas palavras... ???  
As letras  
que misturo  
vivem novas  
saladas  
em silêncio  
respiro tempero  
do leitor  
dê cisão.

Sartre, aos 9 anos, escreve para si (ninguém mais acessa seus escritos): “ A escritura não levava a nada e, ao mesmo tempo, tomava-se a si própria como fim; eu escrevia por escrever. Não me arrependo: fosse eu lido tentaria agradecer, voltaria a ser maravilhoso. Clandestino, fui verdadeiro.” (Sa,132)

enquanto que, publicamente...

“digo coisas de homem: sei proferir, sem tomar ares, palavras “acima de minha idade”. Estas palavras são poemas; a receita é simples: cumpre fiar-se no Diabo, no acaso, no vazio, tomar emprestadas frases inteiras aos adultos, reuni-las e repeti-las sem compreendê-las”. (Sa,24).

e discorda Manuel Bandeira: “procuro só pronunciar as palavras essenciais” (MB,59) e “jamais fiz um poema ou verso ininteligível para me fingir de profundo sob a especiosa capa de hermetismo. Só não fui claro quando não pude.” (MB,100)

Mas, em se tratando de escritores, as clarezas são presentes não mais do que em

PASSAGENS

um passo

simples parece

percebeste?

passou

anteriores

à lembrança.

Impulso

em diversões

(diversificações)

varia em desconhecimentos.

Efeitos

nunca nada igual:

respiros deslocamentos

descompasso

de existir.

Porque

escrever

eis que ver

registro

rege isto

discussão

diz quais são

procuras

por curas

loucura.

Perante as interlocuções, dela sabemos que cobra de si uma alegria que não existe em ser... Resta aumentar a

DOR

Não posso te chamar de  
Inspirador.

Nem inquisidor

(para representar a contradição)

enfim, longe de qualquer

dor

tem que ser alusão ao teu existir

mesmo que com dor ( condor )

ela não vai aparecer.

senão entre inspirar

"inquirir"?

( voar )

em que acontece meu

ser poeta

escrevendo artificios

que dissimulam

essa que nos é comum,

de estar chegados ao papel

viajando entre intitulações,

experimentando inferno

e céu.

“martírio, salvação, imortalidade, tudo se deteriora.” (Sa,181)

“Voltei a ser o viajante sem passagem que eu era aos sete anos: o condutor entrou no meu compartimento, ele me fita, menos severo que outrora: na realidade, só deseja ir embora, deixar-me concluir a viagem em paz; basta que lhe dê uma desculpa válida, não importa qual, ele a aceitará. Infelizmente não acho nenhuma e, aliás, não tenho mesmo vontade de procurá-la: ficaremos a sós um com o outro, no mal-estar, até Dijon, onde bem sei que ninguém me espera.” (Sa,182)

Compartilhando os SINTO MAS

de novo.  
Agulhadas na garganta  
o ar que entra é pesado  
mesmo quando ele sai o  
pulmão não fica leve  
\_ o peso passa.  
Quando estou a inspirar  
os pulmões continuam apertados  
como não querendo o ar  
e cada vez com peso maior.  
\_ e eu estou tão aberta.  
no meu engolir  
golfadas de ar  
que não enchem,  
sinto as poças de lágrimas  
do ciúme  
que transformo em palavras  
numa conversa doce  
para saber de você.  
\_ perguntas.  
meus olhos procuram teus livros  
para encher meu coração  
e fazê-lo sobreviver  
ao esmagar dos pulmões.  
\_ idéias em sangue.  
o físico cheio de tudo,  
massacrado  
pelo vazio das presenças.

“o autor inspirado (...) é outro que não ele mesmo no íntimo de si próprio?” (Sa,103)

Se pudermos também ver “na idéia mais realidade que na coisa” (Sa,38) nos permitiremos experimentar a inserção de um título assim:

## DO GRITO CONTIDO NUM BILHETE

Você me faz mal. Estou com tudo engasgado. Não penso em nada além dessa situação. Fico lendo, seduzida, até altas horas da madrugada. E toda magia se mistura com sono e cansaço.

A explosão dá alegria não está chegando aqui ao papel. Cada explosivo está detonando no meu pulmão. Estou com falta de ar.

Eu tenho uma rima aqui  
e chega mais outra  
vêm apertando meu coração  
com os pulmões, você sabe...  
já escrevi este fenômeno  
num poema  
e mais outro  
qualquer soma  
resultando sempre ao pequeno  
que traduzido em palavras  
passa o tempo e é sempre  
esta rima mesma com o nome,  
incômodo da existência:  
Por que o mundo está assim?

Seja o brilho do sorriso, que é abstrato e pouco, tampado pelo lábio e pelo qual o grito passa; seja o brilho de cada lágrima – veja que esta vem de dentro e fora se transforma, não sendo mais lágrima, mas apenas uma gotinha a integrar o ar, que depois dela passa a ser mais úmido.

Taí, quando respiro o ar, minha ex-lágrima volta, para alimentar meus pulmões, respirando na tentativa de expulsar o aperto. E, que tal, vamos começar de novo? Talvez com novos argumentos, o aperto passe por outros caminhos, não saia, ou estoure os tímpanos... Bem... ele ainda está aqui, foi só um pouquinho que saiu pelos movimentos desta mão que faz a tinta manchar o papel, vejamos... há luta aqui também. O papel está cumprindo sua função ao ser oprimido pelo aperto da caneta.

Segundo ela, o grito se consuma quando o escritor está a

DERRAMAR  
em líquido, lágrimas,  
em sólido, tintas  
do gasoso mal-estar.

a angústia é ingrediente do momento em suspenso. E Sartre, negando a entrega do bilhete ao cobrador no trem (estando a viajar – e sem bilhete constituído) mantém a suspensão por todo o tempo, pois não concebe à escrita o banir da angústia, quando escreve não cumprem suas palavras o papel do grito, embora abrace “empreitada louca de escrever a fim de que me perdoassem a existência” (Sa,139)

**tem vazio que anda cheio**

Em volta tanto...  
e eu volto  
pra dentro.  
: dói a ressonância  
do ar nos músculos do peito.  
interno  
vontades que fora  
eram vento  
sem terno...  
esquentasse  
a (e)terna ternura.

Frente a este misto de trabalhos com palavras, variando entre respiros inspirados em ritmos e conteúdos, que se torna o fazer do poeta,

Narrador, estremeço. Em mim

cordas vocais loucas,  
vogais roucas  
muda  
minha expressão?

, fico nestes rumores.....

## SEM RUMO

orientador  
ore, entre a dor  
orientado, erre  
oh, rir? "n" lados  
ta  
en do  
(h)or (r) or  
falta i(r)  
roda em trio  
rir, dor  
entre outras  
atos  
Teoria, diálogo  
um dia logo  
o teor ia:  
-eis : ruptura  
senso comum!  
- sem como...  
sim, sou comum  
- sem roupa,  
tessitura!  
- sei, ouço um  
decreto e cumpro?  
- teça aventura  
assim como...  
(assíncrono)?  
assim não!  
assino se...- sinopse?  
Pesquisa!  
pés que saem  
Pesque saber  
por que? quiser  
querer  
esquiva  
esquisita  
eis que situa  
quesito, dilema  
que é isto: problema!

## PROBLEMA

Preciso aprender  
a parar de ler  
a musa.  
(corte seco)  
atuo em filme  
roteirista  
prefiro a inspiração  
mas  
nos bastidores  
outros diretores  
obrigam edição:  
"o piolho do urubu  
do mato do morro  
ali da esquina"  
esta pesquisa devo ler  
no prazo da biologia  
forças não minhas  
obriga [tória] ção  
Não quero o urubu  
Por que  
me atrasa a musa?  
Talvez nela seja preciso  
deixar pousar o piolho  
pra voltar à peruca  
com um novo  
acessório.

Chega a estar vergonhosa esta manha de narrador, a ponto de atrair a atenção do ilustre interlocutor, que comigo dialoga em tais linhas:

“Será que iremos bater as botas sem lê-lo?

Eu lhes respondia, com minha voz de 1913: “Eh, devagar, dêem-me tempo de trabalhar!” Mas delicadamente: eu percebia que necessitavam – só Deus sabe por quê – da minha ajuda e que tal necessidade me engendrara, a mim, o único meio de satisfazê-la.”

(Sa,124)

Pois nestes percursos todos por entre temas, ela agora confia descrever:

*Sou poeta. Tento.  
Porque fui impotente  
Minha mãe cria proteger,  
Isolava  
[sem social] insossa  
era o perfeito que restava  
vislumbra destaque  
negava os outros  
quando deles aprovações requisição  
necessidade,  
papel imparcial  
resto e brecha  
brilho da tinta escura  
que evoca fama e poder  
apenas entre os mesmos  
divulgados  
que em desastre  
no tudo o mais  
grifam, montam forças  
sendo menos  
que polegares.*

**No funil do uso das letras.**

Uma vez no temporal, Sartre:

“Resignei-me a não ser jamais tempestade nem relâmpago, a brilhar na literatura por qualidades domésticas, por minha delicadeza e minha aplicação. O ofício de escrever se me afigurou como uma atividade de adulto, tão pesadamente séria, tão fútil e, no fundo, tão destituída de interesse que não duvidei um instante sequer que me fosse reservada; disse a mim mesmo, a um só tempo: “é apenas isso” e “eu sou dotado”. Como todos os vãos sonhadores, confundia o desencanto com a verdade.”

(Sa,115)

e, (surpresa ! ) até simpático:

“Tu não me procurarias se já não me tivesses achado” (Sa,178)

confirmando encaixes... identificações... ainda que por entre século de distâncias,  
aproximadas por minha

respiração

erre: espera ação

reação

pira.

libera CO2

vontade

suspiro

consumo

O2 (oh! dois)

A ESCRITA SÃO MINHAS MULETAS  
QUANDO ME MANDARAM ANDAR COM AS PRÓPRIAS PERNAS.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, M. **Itinerário de Pasárgada**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2001. 3ed.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2000. 6ed.

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RILKE, R. M. **Cartas a um jovem poeta**. Rio de Janeiro: Globo, 1984.

SARTRE, J. P. **As palavras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 6ed.

